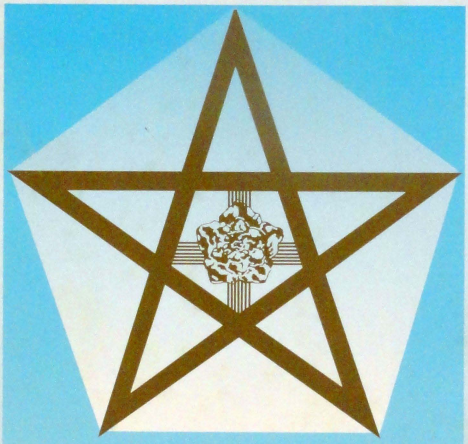
PENTAGRAMA

LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Dezembro 1998 - ano vinte nº 6



O elo que faltava entre o Cristianismo e o Humanismo

Sir Francis Bacon, precursor do pensamento rosa-cruz

Tudo ou nada?

A fonte dos sábios

A realidade para P. D. Ouspensky

Quatro séculos de tradição sempre viva do movimento rosa-cruz na Biblioteca Real de La Haye, na Holanda

Doença: grito de angústia da alma

Existe um caminho que liga a Ciência à verdadeira Religião?

O que os rosa-cruzes entendem por...

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos. o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

ÍNDICE

2 O ELO QUE FALTAVA ENTRE O CRISTIANISMO E O HUMANISMO

8 SIR FRANCIS BACON, PRECURSOR DO PENSAMENTO ROSA-CRUZ

13 TUDO OU NADA?

16 A FONTE DOS SÁBIOS

22 A REALIDADE PARA P. D. OUSPENSKY

26 QUATRO SÉCULOS DE TRADIÇÃO SEMPRE VIVA DO MOVIMENTO ROSA-CRUZ NA BIBLIOTECA REAL DE LA HAYE, NA HOLANDA

29 DOENÇA: GRITO DE ANGÚSTIA DA ALMA

37 EXISTE UM CAMINHO QUE LIGA A CIÊNCIA À VERDADEIRA RELIGIÃO?

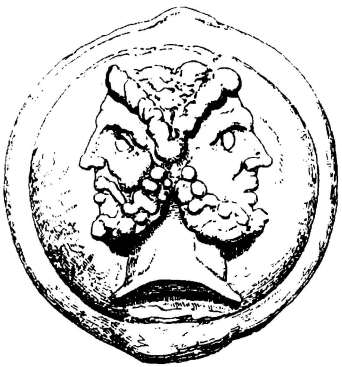
40 O QUE OS ROSA-CRUZES ENTENDEM POR...

1998
ANO VINTE
NÚMERO 6

© Stichting Rozekruis Pers. Reprodução proibida sem autorização prévia.

O ELO QUE FALTAVA ENTRE O CRISTIANISMO E O HUMANISMO

Se um pesquisador sério e objetivo estudasse o que resta da atividade do movimento rosa-cruz na Europa desde a Idade Média, descobriria, sem dúvida nenhuma, alguns fatos curiosos e muito espantosos. Por exemplo: deveria concluir que, no fundo, ninguém compreendeu verdadeiramente o que o movimento rosa-cruz visava e desejava.



Representação do deus Jano em uma moeda romana.

Alguns especialistas acreditam (e a história prova isto) que os rosa-cruzes agiram e trabalharam em direções totalmente opostas. Vendo superficialmente, temos a impressão de que a intervenção deles apresenta duas faces voltadas para dois lados opostos, como as de Jano, o deus romano. Originalmente, este deus era a imagem do absoluto, de onde tudo provém, e por meio do qual tudo existe e para o qual tudo se dirige. É o deus do começo e do fim, do alfa e do ômega. Mas os homens deformaram o símbolo original e o vulgarizaram. Este deus do começo e do fim, de duas faces voltadas em duas direções opostas, unia o passado e o futuro. Mas, para o homem comum, é o homem de duas caras, o homem que tem a língua bipartida, que se acomoda a todas as situações, adaptando-se a elas. De maneira geral, os rosa-cruzes foram reprovados "por apresentar esta característica", segundo aqueles que estudam uma manifestação tão imprevisível como a da Fraternidade.

O fato é que, perto do final da Idade Média, os rosa-cruzes, seus alunos e os neófitos faziam parte de diferentes ordens monásticas. Também eram encontrados entre os padres que se submetiam à autoridade de Roma. Este grupo ativo no interior da Igreja foi a semente do Renascimento, desta profunda revolução espiritual que gerou a civilização moderna com todas as suas possibilidades e suas belezas, mas também com suas conseqüências alucinantes.

Durante a crise que marcou o Renascimento, explodiu uma bomba espiritual cujas faíscas voaram para todos os lados. E agora vemos que os rosa-cruzes seguiram as diversas linhas de força desta explosão. Eles acompanharam todos estes grupos fragmentados e dissidentes em suas tribulações. Quando descobrimos este fato, podemos honestamente concluir apenas que: este método de aspectos opostos seguido pelo movimento rosa-cruz não é muito bem visto; mas, desta forma, ele assume clara, franca e

Naquele tempo, os professores da universidade de Cracóvia, no Sul da Polônia, vestiam visivelmente um chapéu com duas viseiras. De um lado, eles estavam a serviço da Igreja e, de outro, ensinavam, por exemplo, a filosofia hermética, pois havia uma cadeira de esoterismo.

abertamente a conseqüência de seus atos.

A intervenção dos rosa-cruzes, nos séculos passados, mostra que a Fraternidade a serviço da Gnosis não abandona a obra de suas mãos. Por mais estranho que isto possa parecer, deduzimos dos escritos desta Fraternidade que o Renascimento está apenas começando. Muitas outras revoluções espirituais devem acontecer antes que o grande objetivo seja atingido.

De fato, desde o primeiro tumulto ardoroso que marcou a renovação, a humanidade já não conheceu mais descanso, e vem sendo conduzida com mão firme rumo a um objetivo inevitável.

O Renascimento fez nascer duas importantes correntes espirituais: a Reforma e o Humanismo. No início, estas correntes estavam estreitamente associadas e quase inseparáveis e, no entanto, iriam distanciar-se uma da outra a tal ponto que o abismo que as separou parecia intransponível.

A RUPTURA

A Reforma iniciou-se com os protestos de Martinho Lutero e foi Erasmo quem fortaleceu o Humanismo. Erasmo e Lutero, que no início eram amigos, irmãos espirituais e apoiavam um ao outro, acabaram tornando-se inimigos declarados. O novo Cristianismo e o Humanismo não podiam mais se entender. Ambos católicos e do mesmo sangue espiritual, Erasmo e Lutero logo se viram distanciados um do outro como sob o efeito de uma explosão.

Sem encontrar a causa direta, discernimos um fato curioso: os rosa-cruzes tomaram parte e acompanharam tanto Lutero como Erasmo, em sua senda particular. As obras de Johann Tauler, místico da Idade Média, nas quais ele desenvolve muitas idéias cristãs, esotéricas e rosa-cruzes, influenciaram o pensamento de Lutero. As armas deste último incluem a rosa e a cruz, prova de que estes emblemas eram para ele as próprias bases de sua vida. O estudo da vida de Erasmo emociona pelo fato de que ele estava em contato com todos os grandes pensadores e renovadores de seu tempo. Seu pensamento está extremamente próximo da filosofia esotérica ocidental que se desenvolvia nessa época, aqui e ali, em toda a Europa.

A ASPIRAÇÃO À LIBERDADE INTERIOR

É preciso lembrar bem estas observações sobre Erasmo e Lutero, pois elas mostram que ambos, apesar de opostos, estavam em contato com o

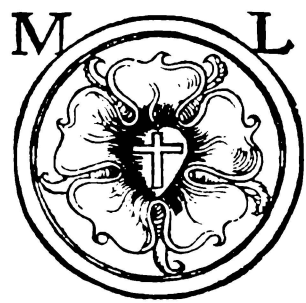


Martinho Lutero, gravura sobre cobre de Jacob Blink, 1530.

movimento rosa-cruz e por ele eram influenciados, mesmo sem fazerem parte dele.

Um exame mais profundo mostra que a situação era muito complexa. Parece que os rosa-cruzes desempenharam um papel importante na evolução da franco-maçonaria e na criação da teosofia. Eles estavam em contato com a Revolução Francesa, a anarquia filosófica e inúmeros movimentos espirituais livres que se desenvolveram depois de Lutero.

Michel Servet, por exemplo, foi influenciado pelo movimento rosa-cruz, razão pela qual, aliás, morreu na fogueira, por instigação de Calvino. E, nesta grande corrente espiritual ocidental, é preciso incluir os livres pensadores russos.



No século XX, a Rosa-Cruz tem-se esforçado para sustentar a humanidade no caminho da libertação interior. A incrível diversidade de crenças religiosas e o pensamento místico, esotérico, humanista, anárquico, atuante e revolucionário é, no final das contas, como mostramos, a conseqüência desta primeira revolução espiritual que foi o Renascimento. E o movimento rosa-cruz continua caminhando o mais próximo possível destes grupos, sistemas conceituais e correntes filosóficas, sempre se declarando e se mostrando inspirador, a fim de oferecer a todos o elo que falta, pois somente este elo fará do Renascimento um verdadeiro renascimento, um autêntico nascer de novo.

A Fraternidade da Rosa-Cruz concede seu apoio a todos e não deixará de acompanhar até o fim estes inúmeros grupos cada vez mais fragmentados que são o resultado da explosão espiritual. Mas qual é este objetivo, afinal? Seria possível atingi-lo? Qual é o elo que falta? Podemos determinar claramente sua essência, cientifica e filosoficamente? A Rosa-Cruz indica concretamente este objetivo único e esta única verdade?

Antes de dar uma resposta a estas indagações, voltemos um pouco no tempo, na História da humanidade. Constatamos que todas as revoluções espirituais geram dois movimentos principais. Assim, Lutero e Erasmo estão na origem da Reforma e do Humanismo. Pensemos nestes personagens do Novo Testamento, Paulo e Tiago, que reagiram, cada um a seu modo, às revelações de Jesus Cristo. Paulo é o homem da fé. Tiago, o homem das obras. Paulo seguiu a direção de Lutero; Tiago, a direção de Erasmo. Paulo, como enviado divino, coloca a fé em primeiro lugar; Tiago se questiona sobre o valor da fé sem obras. Isto não quer dizer que Paulo não tenha uma poderosa força de ação, nem que Tiago não tenha uma fé inspiradora. Mas, para o primeiro, o que é importante é o invisível, o abstrato, o aspecto contemplativo, metafísico, enquanto que para o segundo o que importa é o imediatamente concreto, o humanismo no plano horizontal, o questionamento da sociedade. Como Marx, ele fustiga o capitalismo de seu tempo. Ora, a história demonstra que nenhuma destas duas direções abriu alguma senda libertadora para a humanidade.

Armas de Martinho Lutero mostrando a rosa e a cruz.

Desespero e filantropia

A fé especulativa impulsiona uma multidão de homens a buscar a libertação na vida dialética. Um pressentimento misterioso, intuitivo, trabalha sua consciência, mas eles têm uma compreensão errônea da Sagrada Escritura. Ao lado deles há a multidão dos que, em seu desespero, e por filantropia, mergulham por inteiro na experiência humanitária, animados por um dinamismo incrível. Eles se sentem chamados para reinar. O homem é um deus: ele é autônomo, ele é chamado para a liberdade.

Quantos esforços inúteis a humanidade já desenvolveu para chegar ao equilíbrio, sempre dizendo para si mesma: "Guerra, nunca mais!" E qual é o resultado disto? Será que ela conseguiu a paz, depois de todas estas lutas e sofrimentos? Muito pelo contrário! E por acaso não há sempre novos perigos estranhos, ocultos, nos ameaçando? E o que dizer daqueles que se colocam a



Calvino e Lutero conversando. Gravura de Albert Dürer.

O teólogo alemão Martinho Lutero (1483-1546) fez seus estudos para ser padre nos mosteiros dos agostinianos de Erfurt, na Alemanha. Foi ordenado em 1507 e conquistou a cadeira de Filosofia na Universidade de Wittenberg. Por ocasião de uma visita a Roma, percebeu o que se passava com a Igreja. Sua oposição foi crescendo internamente. Em outubro de 1517, publicou suas 95 proposições nas quais atacava o tráfico de indulgências: os crentes podiam comprar, por uma soma importante, o que chamavam de "indulgências" que, de acordo com a Igreja, deveriam aliviar, no purgatório, os sofrimentos merecidos por seus pecados, ou até mesmo libertá-los totalmente. Os protestos públicos de Lutero são considerados, em geral, como fatos que marcaram o início do protestantismo. A Cúria Romana condenou suas doutrinas em 15 de junho de 1520 e ele foi excomungado em janeiro de 1521. O imperador Carlos V fêz com que ele viesse a Worms para negar suas tomadas de posição contra as autoridades católicas religiosas e profanas. Lutero veio, mas recusou-se a se retratar. Em seguida, foi refugiar-se secretamente no castelo de Wartburg, onde traduziu o Novo Testamento para o alemão. Sua pessoa e sua obra exerceram uma grande influência na evolução espiritual da Europa. Quando militou em favor da separação da Igreja e do Estado, teve muitos adeptos entre a nobreza.



Erasmo de Roterdam, gravura de Albert Dürer.

serviço de seus ideais e formam novos grupos? Não estão sempre achando que os outros estão errados?

A INUTILIDADE DE TODAS AS TENTATIVAS DE RENOVAÇÃO

Todas as tentativas de renovação da sociedade e de melhoramento do destino da humanidade mostraram-se inúteis, no decorrer da História. Sempre houve, sempre haverá, alguma coisa que falta, desesperadamente: um elo. A máquina de fabricar progresso vem falhando sistematicamente. Mas o mistério logo se esclarece para quem pode e quer admitir isto, e pergunta desesperadamente o que haverá de acontecer. Neste momento, a intervenção aparentemente tão enigmática do movimento rosa-cruz começa a esboçar-se em seu espírito.

Este movimento, que está a serviço da Fraternidade da Vida, propõe o único elo que faltava. Ele não deixa ninguém de lado. Ele sustenta todas as iniciativas verdadeiramente libertadoras, todos os seres que aspiram à libertação interior.

O escritor e erudito Desiré Geert, foi, segundo Erasmo (1466-1536) um dos principais intérpretes das idéias que surgiram na Europa durante o Renascimento. Restaram cerca de 1.500 cartas de sua volumosa correspondência com eminentes contemporâneos. Em Krole House, no Sul da Inglaterra, encontra-se uma impressionante coleção de retratos dos personagens importantes que Erasmo de Roterdam conheceu. No "Elogio à Loucura" (1509) ele pleiteia a volta aos princípios do Cristianismo. Como propõe em suas obras idéias profundamente reformadoras, foi qualificado de "o Pai da Reforma". Mas, quando Lutero tornou públicos seus protestos em 1517, a vida de Erasmo mudou de rumo. Ele continuou sendo membro da Igreja Católica, mas partilhava das idéias dos protestantes. Finalmente, foi reprovado por ser luterano, o que negava fortemente. Em seu livro "De libero arbitro" ("O Livre-arbítrio", 1524), ele ataca Lutero. Este responde, em 1526. As obras de Erasmo foram colocadas no "Index librorum proibitorum" (o índice dos livros proibidos constituído pelo Concílio de Trento) e rejeitadas por muitos protestantes. Geralmente, se reprova em Erasmo o fato de não ter tomado nenhum partido, e de não ter querido participar de nenhuma discussão teológica.

O RESTABELECIMENTO DO HOMEM ORIGINAL

E o que é este elo que falta? É o renascimento estrutural do verdadeiro homem no microcosmo: um renascimento que provoca a modificação da estrutura do homem comum no microcosmo. Trata-se do restabelecimento entre o verdadeiro homem e a ordem do mundo original de onde ele caiu um dia. Em poucas palavras, este é o elo que faltava.

Este elo caracteriza a linha filosófica do néo-cristianismo. É o mistério iniciático cristão da sagrada Rosa-Cruz para a nova era. Esta filosofia haverá de se expandir pelo mundo inteiro, nos próximos anos. Ela acompanha a fase que segue o Renascimento antigo e dá sentido, realidade e veracidade ao elo que faltava entre a fé e as obras, entre o Cristianismo e o Humanismo.



Michel de Servet, Biblioteca Municipal de Zaragoza (foto Pentagrama).

PARA QUEM ESTÁ INTERIORMENTE CONSCIENTE

O mistério iniciático cristão da sagrada Rosa-Cruz somente é novo pela forma na qual ele se apresenta hoje, e no modo pelo qual os buscadores a ele reagem. Na realidade, ele propõe este elo que faltava há séculos para todos os que o reconhecem como sendo este elo. O fio que passa por toda a tradição rosa-cruz, que percorre quatro séculos de evolução da civilização européia, mostra isto claramente.

Mas está chegando a hora em que a humanidade irá bater contra uma parede. Então, ela vivenciará a fé e as obras, a fé do Cristianismo das igrejas e as obras do Humanismo. Um sofrimento indescritível aflige os homens e muitos, finalmente conscientes e de olhos abertos, percebem que há um tesouro que os espera há muito, muito tempo. Para a flor espiritual da humanidade, o renascimento poderá, então, se tornar uma realidade.

Jan van Rijckenborgh

Sir Francis Bacon, precursor do pensamento rosa-cruz

No início do século XVII, a Europa estava em plena agitação. Um impulso aguilhoava as consciências, a fim de revolucionar os antigos princípios e explorar as fontes da vida. As descobertas de Galileu, astrônomo italiano (1564-1642), e de Kepler, astrônomo alemão, (1571-1671), criaram os alicerces de uma ciência que permitia ao homem olhar para além dos limites impostos pela religião oficial.

Junto com o espírito crítico, estava desenvolvendo-se uma nova consciência. O homem europeu estava aprendendo a reconhecer suas faculdades e a confiar nelas. Foi o espírito desta época e o meio político que determinaram a vida de Sir Francis Bacon.

O estudo aprofundado da história do movimento rosa-cruz nos séculos XVI e XVII fez surgir personagens como Johann Valentin Andreœ, Michael Maier, Tobias Hess, Robert Fludd, Jan Amos Comenius, Adam Halsmayer e Giordano Bruno. Do ponto de vista geográfico, as doutrinas rosa-cruzes vinham principalmente, do centro da Europa. Em seguida, desenvolveu-se na Inglaterra uma linha importante com Robert Fludd, conhecido como participante dos manifestos rosa-cruzes, que surgiram em 1614. Em seus livros *Apologia* e *Utriusque Cosmi Historia*, ele deixa transparecer claramente até que ponto os rosa-cruzes o inspiraram. Mas sabemos apenas umas poucas coisas a respeito das relações de seu contemporâneo Bacon com o movimento rosa-cruz.

Lord Verulam, visconde de St. Albans, também conhecido como Francis Bacon (1561-1626) era jurista e filósofo e foi um estadista importante. Ocupou altas posições na corte real de Elizabeth I e de James I. Nasceu em Londres, em 22 de janeiro de 1561, em York House e foi educado na esfera de influência da corte, o que desenvolveu muito cedo seu interesse pela política e pela ciência. Seus estudos de direito e sua carreira política no Parlamento lhe permitiram atingir finalmente o cargo de Lord Chancelier.

Como muitos, nessa época, Bacon aspirava a uma renovação universal e à internacionalização das ciências. Ele estabeleceu, principalmente, os alicerces do empirismo, um método de indução lógica que influenciou as filosofias de John Locke (1632-1704), George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776). Rejeitou o sistema de



Sir Francis Bacon, Lord Chanceler (gravura de Francis Hall).

Aristóteles que, no entanto, era seguido por muitos cientistas e eruditos. Mais tarde, coordenou a tradução da Bíblia do rei James, que ainda hoje é a versão mais lida em língua inglesa.

Concepção de um Estado ideal

Bacon deu provas de um profundo desejo de harmonia. Esperava que uma forma de Estado ideal desse felicidade e prosperidade a cada cidadão. Nessa época, as idéias, sentimentos e atos ainda eram profundamente determinados pela visão geocêntrica da Igreja (a visão da terra no centro do sistema solar). Somente se atingiria a felicidade no final de uma vida devota. Graças às descobertas e às novas idéias, o homem adquiriu mais liberdade. A Igreja ia perdendo terreno diante do desenvolvimento de novas ciências, pintadas como se fossem o Anticristo: ciências que desligavam os pesquisadores de uma religião fundamentada na autoridade e na revelação. Pela razão, as pessoas esperavam elevar-se acima da natureza e, desta forma, governá-la.



Da esquerda para a direita: Sir Francis Bacon, o astrônomo polonês Copérnico, Galileu, Platão e o filósofo francês Descartes (afresco da "Royal Academy of Arts", em Londres).

Surgia uma nova esperança no horizonte. O homem podia mudar o mundo com suas próprias forças! Daí para a frente, ele seria guiado pela liberdade e pela justiça. No entanto, logo ele aprendeu a conhecer o reverso da medalha: a Guerra dos Trinta Anos pôs fim à perspectiva de um mundo de justiça.

Estes novos impulsos também inspiraram Francis Bacon que, no conjunto de suas atividades políticas, combatia a

injustiça, defendia a tolerância contra o estreitamento das regras e diretrizes religiosas, mas conseguiu apenas um pouco de apoio por parte do rei que se esforçava para impor um acordo entre as igrejas. As dificuldades levantadas por suas tentativas de levar a justas proporções o absolutismo de príncipe graças ao Parlamento deram rudes golpes em seu idealismo.

A CAMINHO, RUMO AO AUTOCONHECIMENTO

Em 1621, o Parlamento acusou-o de ter aceito propinas, o que ele reconheceu com contrição. Entretanto, foi condenado a quatro dias de prisão na Torre de Londres e a uma multa de 40.000 libras esterlinas, soma que o rei lhe restituiu. Em seguida, foi banido da corte. Alguns meses mais tarde, em setembro de 1621, o rei lhe concedeu perdão, mas sua carreira política estava terminada.

A MESQUINHARIA HUMANA

Em seus Ensaios, Bacon apresenta sua visão de vida e escreve sobre a mesquinharia da personalidade, do eu: *"Ninguém sabe que, se tirarmos do coração humano a presunção, o grande amor-próprio, em muitas pessoas restará apenas uma alma miserável e insensível, cheia de tristeza e de despeito e até de aversão a si mesma."*

Ele traduziu nestes termos sua visão do mundo: *"É um prazer estar na praia e ver os navios balançando para lá e para cá; é um prazer ver, lá embaixo, da janela de um castelo, a partida para uma batalha; mas nada disto é um prazer, nos domínios superiores da verdade, numa altura inexpugnável, onde o ar é sempre mais claro e puro, quando abraçamos com nosso olhar tanto os turbilhões e o caos das nuvens, quanto as tempestades no vale."*

E ele continua: *"Uma visão como esta desperta a compaixão e não a indiferença e o orgulho, pois é verdadeiramente o céu sobre a terra, quando a alma humana está emocionada e piedosa e então repousa na providência e fica calada, no mundo da verdade."*

É neste texto que surge o conceito de natureza "dialética" como representante do mundo em que atuam as forças opostas. O autoconhecimento pode trazer a compreensão do mundo. A consciência recebe impulsos que a renovam e, dentro da alma, manifesta-se uma nova força que já é impessoal, capaz de penetrar, englobar e suportar o sofrimento.

Todos os que se encontrarem neste caminho difícil podem dizer, como Bacon: *"Por outro lado, ninguém deve festejar tão cedo a vitória sobre si mesmo, pois as tendências naturais não ficam muito tempo escondidas e podem surgir novamente, logo depois de uma prova."*

Conforme ia buscando uma compreensão mais nítida, Bacon ia seguindo seu caminho fundamental, e foi assim, sem dúvida nenhuma, que ele se voltou para a Doutrina Universal. Percebe-se isto por esta observação: *"Trata-se de adquirir a inteligência direcionada para esta volta ao estado adâmico, antes da queda."*

Pesquisando a Filosofia da Natureza (expressão que designava a Ciência na época de Bacon)

Certamente, o interesse de Bacon pela ciência não deve ser julgado a partir dos critérios intelectuais de hoje. Para ele, este interesse significava aprofundar-se na natureza como ele se aprofundava em si mesmo. Poderíamos também pensar que, ao seguir este caminho de investigação, ele queria determinar sua própria posição.

Seu pensamento abria a porta para uma nova consciência, cuja fonte eram

os valores espirituais. Abrir a ciência ao Espírito podia talvez ajudar a compreender a matéria. Como ele tinha renunciado às certezas que os dogmas religiosos ofereciam, precisava começar encontrando um chão firme sob seus pés.

Segundo ele, perceber a natureza com os sentidos e considerá-la com inteligência deveria levar à compreensão da vida; baseando-se nesta compreensão, ele tinha esperança de ir recebendo, pouco a pouco, o entendimento espiritual. Assim ele ia tornando seu pensamento cada vez mais preciso, tomando como exemplo uma pirâmide. A história da natureza forma a base desta pirâmide. O plano seguinte representa a Física ("Fysica") que demonstra as leis da natureza. O terceiro plano é o da metafísica, e no ponto mais alto está oculto o princípio espiritual.

Bacon dá provas de seu interesse pelos textos platônicos, gregos e herméticos em seu livro *The Advancement of Learning* (Do valor e das riquezas das ciências), onde ele considera o homem como um servidor da natureza. O conhecimento deve ser adquirido por experiência e não ditado pelas autoridades. Ele não se contenta com uma simples acumulação de fatos (a lógica de Aristóteles), mas busca analogias na natureza.

Este método dedutivo fazia surgir novas idéias a partir da antiga sabedoria. Para a época, isto era uma revolução incrível! Até então, as pessoas somente aprendiam o que os outros já sabiam. Agora, deveriam adquirir por si mesmas um novo conhecimento, baseadas em "um saber superior". Desta maneira, Francis Bacon estava abrindo uma fonte inesgotável de autoconhecimento e de conhecimento do mundo. A inteligência tornava-se um sentido suplementar. *(Novum Organum, 1620).*

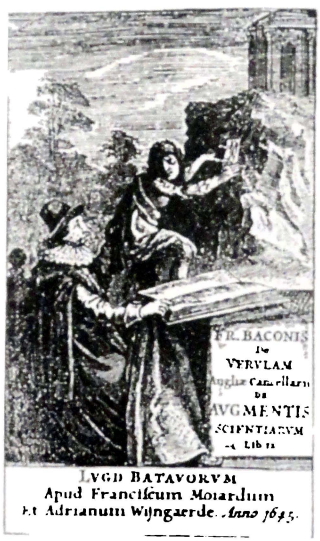
A dificuldade consistia em fazer a pergunta correta, pois é ela que encerra a resposta acertada. A pergunta clássica: *"Como se faz ouro?"*, ele respondia com outra pergunta: *"Quais são as leis da luz?"*

Aqui está uma chave, para reflexão. Depois de séculos de sabedoria dogmática, abria-se uma nova possibilidade: de um pensamento independente e consciente, assim como a confiança em sua própria intuição.

Novamente Deus está fora do homem

Voltando nove séculos, vemos que o papa Nicolau I, no Concílio de Constantinopla (869 d.C.) declarou que não era preciso considerar o homem como uma trindade que compreende espírito, alma e corpo. Desde esta data os papas negaram que o homem tivesse um espírito; para eles, ele somente possui um corpo e uma alma. O espírito não passaria de uma "propriedade intelectual da alma".

Assim, a intuição espiritual do homem ocidental foi renegada e fechada na prisão de sua consciência tridi-



Página de rosto da edição holandesa de The Advancement of Learning de Bacon (1605).



Página de rosto do *Dialogo sopra i due sistemi del mondo*, de Galileu Galilei. Aqui, o escritor é representado conversando sobre as novas idéias com Ptolomeu e Copérnico. A publicação deste livro colocou Galileu em conflito com a Inquisição e o obrigou a reconhecer suas propostas como "heréticas".

mensional. Os padres da Igreja negaram a possibilidade de um processo de desenvolvimento espiritual do ser humano baseado em uma centelha espiritual ou divina interior; e a Igreja Católica Romana proclamou que seus dogmas constituíam a única fonte de revelação divina.

Necessidade do livre-arbítrio para encontrar a liberdade interior

No início do século XVII, as idéias de liberdade instigaram a inteligência a renegar o acúmulo de dogmas e a pesquisar por si mesma a senda de retorno a um autoconhecimento libertador atravessando os véus do dogmatismo. E a compreensão da natureza poderia abrir a senda com o florescimento do princípio original oculto em todos os seres humanos. Mas será que é possível adquirir o verdadeiro conhecimento, a Gnosis, com uma sabedoria puramente intelectual?

Para responder a esta pergunta, olhemos um pouco os bastidores da história. Poderíamos considerar, por exemplo, que sem a Bíblia traduzida em diferentes línguas e sem o encorajamento para desenvolver seu intelecto, o europeu desta época não teria aprendido a ver a si mesmo como uma personalidade responsável; também não teria sentido sua vida terrestre como um aprisionamento, nem teria buscado encontrar a unidade original.

À medida em que a inteligência foi-se desenvolvendo segundo um plano determinado, Francis Bacon foi desempenhando um papel importante, impulsionando o pensamento intelectual a buscar o sentido da vida. Em nossos dias, a ciência abandonou esta busca do sentido da vida e é por isso que o pensamento segue uma linha degenerativa. Em seus *Ensaios* Bacon escreve:

"O homem que nega a existência de Deus rouba da humanidade toda a sua nobreza, pois, na verdade, pelo corpo, este homem é aparentado com o animal, enquanto que, se pelo espírito, ele não for aparentado com Deus, ele continua sendo uma criatura vil e comum."

Tudo ou nada?

Brand, *a peça de Ibsen, dramaturgo muito realista para seu tempo, repousa no seguinte princípio: "tudo ou nada". Nesta peça é demonstrado que o autêntico buscador espiritual não pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. É preciso que ele escolha, no final: "tudo ou nada"!*

Podemos dizer que os conceitos de "tudo" e "nada" não fazem parte de nosso universo mental e não é fácil dar uma definição concreta a respeito deles. No campo de vida terrestre, há sempre alguma coisa, por menor que seja, mas jamais há algo que seja "tudo", que contenha "tudo".

Inúmeras são as variações sobre este tema. Assim, podemos conceber o que é material como "tudo" e o que é espiritual como "nada"; ou inversamente, colocar o que é espiritual em um plano mais alto e rejeitar o bem-estar material como "nada". Em muitos países, a prosperidade material leva os seres humanos a querer tudo para eles, sem nada dar de volta. Tudo poder, nada dever. Tudo fazer, sem assumir nenhuma responsabilidade. Tudo sacrificar por alguma coisa e não querer que falte nada. Opor ou justapor estes dois conceitos é criar tensão e luta: então, a unidade desaparece.

O "tudo ou nada" de Ibsen se refere a esta passagem do Novo Testamento, em que é dito:

"Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim e quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; quem não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. Quem conservar sua vida, perde-la-á, e quem perder sua vida por minha causa, ganha-la-á" (Mateus, 10: 37-39).

Em sentido estrito, os conceitos "tudo" e "nada" são um pouco angustiantes. Às vezes, uma coisa pode ser tão imensa que parece conter tudo. Então, nos sentimos tão limitados que não conseguimos compreendê-la ou nos aprofundar nela. Parece que esta coisa quer nos provar, nos dilacerar, nos aniquilar. O "nada", pelo contrário, pode evocar a imagem do vazio, do silêncio, da negação e da ausência.

É por isso que todo mundo, em geral, escolhe a voz do meio: "alguma coisa". Não importa o que seja, mas, naturalmente, que seja algo belo, bom, verdadeiro, novo, ou conhecido. Algo espiritual, e até mesmo, se possível, divina. Em todo o caso, "alguma coisa", e que possamos dizer a nós mesmos que a escolhemos.

Os conceitos "tudo" ou "nada" também podem ser considerados como pólos opostos entre os quais existe "uma coisa" que não é associada a nenhum medo, projeção, ideal, ou coisa parecida. Esta "coisa" na qual o "tudo ou nada" dos humanos entra em fusão formando uma unidade diz respeito a uma dimensão que ultrapassa os sentidos, uma unidade que não é comparável a nenhuma norma humana habitual.

Esta unidade não é definida por normas habituais, mas se refere a uma região onde não existem oposições. Quando o homem saiu desta região submeteu-se a dois pólos de forças contrárias. Ora, no mais profundo de seu ser, ele pode rememorar esta região original, reminiscência que geralmente

HENRIK IBSEN

BRAND

DRAMATISCH GEDICHT IN VIJF BEDRIJVEN NAAR DE OORSPRONKELIJKE NOORSCHE UITGAVE DOOR J. CLANT VAN DER MIJLL-PIEPERS



UITGEGEVEN DOOR MEULENHOFF & Co TE AMSTERDAM IN HET JAAR 1908

está oculta debaixo de todas estas pequenas "coisas" que ele vai juntando à sua volta e nas quais ele acredita que precisa se ligar. São justamente todas estas coisas que ele amontoou que o retêm no caminho da verdadeira Vida.

As palavras "tudo" e "nada" evocam conceitos como "liberdade" e "perfeição". Elas se referem a algo que o homem não possui em razão de sua própria natureza. E, no entanto, estas palavras desempenham um papel importante na vida cotidiana. Elas são utilizadas bem ou mal, e parecem ter valores diferentes e até mesmo opostos para cada pessoa. No entanto, elas são freqüentemente associadas ao desejo nostálgico de uma realidade que já não existe.

Página de rosto de *Brand*, peça de Ibsen (1908).

Se, enfim, esta liberdade e esta perfeição são pouco concretizadas, as obrigações que estes valores impõem se manifestam inevitavelmente, enquanto que a fonte pura a partir da qual elas foram realizadas se enche de areia e seca, mais cedo ou mais tarde.

Então, o absoluto que a palavra "tudo" expressa é substituído pelo desejo de "cada vez mais". A "liberdade" torna-se uma lei; a "perfeição" uma beleza estéril; "nada",expressão de um sofrimento e de uma desesperança. Por mais que o homem se empenhe em construir, seu "cada vez mais" jamais se tornará seu "tudo"em sentido absoluto. Seu "nada" provém ainda menos do fato de "desejar e de possuir cada vez menos". Nestes dois casos, "nada" e "tudo" ainda são dois pólos opostos, conceitos gêmeos contrários, provenientes da mesma origem.

Mas de onde vêm, então, estes conceitos e imagens antinômicos? Não seria das representações deformadas da realidade, criadas por presunção, orgulho e dúvida quanto à existência da vida original? E também do fato de que, no pensamento, a matéria torna-se "tudo", enquanto que a alma imortal tornou-se um "nada" insignificante?

Ora, em seu imo, a alma humana é trabalhada pela reminiscência de uma imagem obscura. Esta reminiscência profundamente enraizada faz surgir um desejo de liberdade e de perfeição: a reminiscência do "tudo" de antigamente e a visão do "nada" de agora. O que os sentidos percebem e distinguem não corresponde à realidade interior que a alma pressente.

Contudo, esta realidade interior silenciosa é acessível e mais próxima que todas as imagens de liberdade e de perfeição que o cérebro é capaz de forjar; mais próxima que todos seus ideais que entusiasmam mas que são, no fim, irrealizáveis e geralmente têm conseqüências políticas e religiosas assustadoras; mais próxima também que o eu, a personalidade, com todos os seus problemas que a monopolizam inteiramente.

A fonte desta grandiosa realidade,

que para alguns é uma ilusão e para outros é uma experiência vital, encontra-se no próprio coração do ser humano. Os pólos opostos representam os extremos que nascem quando a unidade interior é rompida. Eles não passam de aspectos do desejo que os homens têm de desdobrar cada vez mais seu próprio eu. Mas, quando a unidade for restabelecida, então a alma viverá na plenitude da vida divina e já não terá nenhuma ligação com a vida inferior.

A obra do autor dramático Henrik Ibsen (1828-1906), constitui um dos ápices da literatura ocidental da segunda metade do século XIX. Ibsen era um realista virulento. Sua maneira de tratar as situações e os problemas éticos e sociais exerceu uma grande influência no teatro ocidental.
Ao lado de algumas obras históricas, escreveu dois dramas em verso: Brand *(1886) e* Peer Gynt *(1867).*
No final do século XIX, ainda escreveu outras obras simbolistas, como O Pato Selvagem *(1884),* Solness, o construtor *(1892),* John Gabriel Borkman *(1896), e* Quando despertamos entre os mortos *(1899).*

A FONTE DOS SÁBIOS

A grande beleza e profundeza com as quais Selma Lagerlöf, prêmio Nobel e membro da Academia sueca fala do nascimento da luz em A Fonte dos Sábios *inspiraram ao autor deste artigo uma interpretação que pode fazer surgir novas idéias.*

"A Seca se estendeu sobre o país e controlou as reservas de água. Ela festejava cada fossa seca e todas as fontes que ameaçavam secar. Então, a Seca chegou à Fonte dos Sábios e viu, com alegria, que já não restava quase nada de água. Parou perto da fonte e, com satisfação, ouviu-a suspirar: 'Nada mais pode me socorrer, a não ser a água do Paraíso'.

A Seca esperou durante todo o dia e toda a noite que a fonte secasse. Ficava feliz cada vez que um viajante fazia descer seu balde em vão para tirar água. Mas, logo ela viu chegar uma caravana. Era um espetáculo pouco habitual. Os camelos se perfilavam em um morro que parecia tão elevado que a caravana parecia estar descendo do céu. Os três guias se aproximaram da Seca e lhe perguntaram se era ali que ficava a Fonte dos Sábios. Ela lhes respondeu: 'Hoje ela ainda se chama assim, mas amanhã já não haverá mais fonte: ela estará seca.'

'Mas esta não é uma fonte sagrada, que jamais seca?'

'Eu sei que ela é sagrada, mas, para que ela poderá servir, agora que os Sábios estão no Paraíso e já não ligam para ela?'

'Como esta fonte chegou a ter este nome? Você pode nos contar?'

Então a Seca começou sua história:

COMO A FONTE RECEBEU ESTE NOME

'Há muito tempo, três homens moravam nos arrabaldes de uma cidade. Eles sempre estavam meditando a respeito de tudo o que diz respeito ao mundo e à humanidade. Uma noite, tiveram uma visão maravilhosa. Bem longe, na abóbada límpida do céu, viram surgir alguma coisa compacta, como se fosse uma bola de fogo que se precipitava no espaço e se aproximava deles e ia ficando cada vez mais clara, como uma rosa que sai do botão.

Quando esta bola de luz parou, enfim, sobre eles, ela se desdobrou em pétalas e então, enquanto as sombrias extremidades do botão se abriam, surgiu uma rosa magnífica e irradiante. Quando os homens viram isto, souberam no mesmo instante que um poderoso rei havia nascido na terra.

Comentaram entre si: 'Vamos até os pais desta criança para dizer-lhes o que vimos.'

Chegaram às portas da cidade, mas aí pararam, indecisos, porque não sabiam qual direção seguir. Então viram que a rosa — a nova estrela — lançava um raio de luz sobre a areia do deserto e seguiram esta luz em total abandono, em total rendição de sua vontade.

O ORGULHO E O DESEJO EXIGEM O QUE LHE DEVEM

Assim, eles viajaram longas noites e longos dias. Passavam o tempo conversando sobre como iriam falar com os pais, para lhes dizer que o céu prometia

força, poder, bondade e felicidade a seu filho; e comentavam que, com certeza, o pai iria recompensá-los com uma bolsa cheia de ouro.

Iam discutindo o fato de que Deus os havia escolhido para enxergar esta estrela tão especial. Vinte bolsas cheias de ouro eram, no fundo, bem menos do que eles poderiam esperar.

Quanto mais iam seguindo em frente, mais ia aumentando sua cupidez, sua ilusão e seu orgulho, pois, dizia a Seca, 'eu ia tomando conta deles, pouco a pouco'. Depois de algum tempo, seus corações tornaram-se tão secos, desesperados e áridos quanto o deserto que estavam atravessando. E assim, eles ficaram cheios de arrogância e ardente avidez.

Estavam sempre se considerando enviados de Deus e pensavam que

Os três sábios em busca da fonte. A. Hahn Jr. primeira edição das *Lendas de Cristo*.

seriam certamente recompensados com uma caravana inteira, carregada de ouro.

Nada corresponde a sua expectativa

Por fim, chegaram a Belém e procuraram os lugares e as torres que deveriam cercar uma vila real. Mas nada correspondia a suas expectativas e o que eles viram os deixou em um estado de grande confusão. A luz da estrela os conduziu até uma gruta, e foi entrando. Os três homens ficaram do lado de fora, mas daí observaram que ela cingia como uma coroa a cabeça de uma criança recém-nascida. Eles se retiraram, estupefatos, e fugiram. Uma habitação miserável como esta, era impossível!

Eles não iam muito longe quando viram que a estrela já não os acompanhava. Vagaram no deserto e sofreram fome e sede, calor e frio. Sua situação era perigosa e eles se perguntavam como haviam chegado ali. Teriam pecado contra Deus? A humildade havia surgido dentro deles como a vegetação no deserto, depois de uma chuva pesada.

Iam e vinham, andando sem rumo na angústia desta terra pouco hospitaleira, esperando encontrar novamente o menino. Como sua tristeza, sua compreensão e seu arrependimento iam crescendo, Deus teve piedade deles e os conduziu para esta fonte onde agora estamos.

Quando se inclinaram para beber a água salvadora, perceberam o reflexo da estrela, que a partir de então os conduziu ao bom caminho.'

'Ainda bem que você nos contou a história', disse um dos estrangeiros. 'Mas esta fonte não deveria existir para sempre, para mostrar aos homens que a felicidade desaparece nas alturas do orgulho e se encontra nas profundezas da humildade? Além disso, é preciso dizer, o reconhecimento jamais morre naqueles que são conduzidos ao Paraíso!'

Quando a Seca ouviu estas palavras, ela reconheceu os três estrangeiros e fugiu em estado de choque, pois não podia compreender como a fonte estava novamente cheia de água viva."

Pobre em sabedoria divina

Esta maravilhosa história mostra os três aspectos de quem busca a verdade: cabeça, coração, mãos, na forma de três homens. O primeiro era um velho que podemos comparar com o santuário do coração, que encerra o princípio divino original. O segundo, é descrito como um leproso: é um bom símbolo para a cabeça, tão desviada dos princípios divinos pelos pensamentos terrestres. O terceiro é negro e representa o centro da ação, a bacia, que está ligada ao bem e ao mal pelo *karma*. Os três são *pobres*, característica que geralmente é empregada para designar a "pobreza de sabedoria divina".

Apesar de sua deplorável condição, o mundo os considera sábios porque eles passam o tempo examinando as bases da existência, assim como questões filosóficas e religiosas. E os três moram "nos arrabaldes da cidade", o que pode ser traduzido por "fora dos afazeres terrestres comuns".

Que sentido tem a vida, afinal?

Nesta história, parece que, para começar, o coração está um pouco aberto para as forças divinas que chamam os seres humanos. O proble-

ma do sentido da vida e o desejo de voltar para Deus — a religião — são tão grandes que a cabeça e a bacia são tocados, pois somente quando estes três santuários colaboram é possível receber interiormente algumas respostas às indagações essenciais.

Na narrativa, este fato é simbolizado pela aparição da rosa no céu noturno. Desviando-se das preocupações terrestres, surge o sentimento de que existem outras possibilidades e esta é a oportunidade para refletir em tudo o que diz respeito ao mundo e à humanidade. Então, nasce finalmente um profundo desejo, um desejo consciente do divino. É neste momento que os três homens percebem a "estrela que lhes indica uma coisa nova, cujo poder e o esplendor ultrapassam o poder e o esplendor de todos os reis e potestades do mundo".

O RENASCIMENTO NÃO É A LIBERTAÇÃO

Quem busca a verdade original, compreende que a estrela somente surgirá se as condições para um nascimento como este forem satisfeitas.

Mas este nascimento do divino em si ainda não é a libertação. Nos evangelhos, entre o nascimento de Jesus, o chamado dos discípulos, que representa a vivificação do sistema humano para torná-lo preparado para o processo de renovação e a crucificação, há um longo caminho a percorrer.

As forças terrestres que têm sua sede no eu superior estão sempre ativas e se esforçam para rejeitar o novo princípio vital.

Selma Lagerlöf descreve o eu superior, o inimigo pessoal do buscador, com a aparência da Seca. No deserto da vida, ela espera que a fonte de água viva seque até a última gota. Como o impulso do coração ainda não é bem compreendido pela cabeça, os três homens certamente deixam suas casas, mas continuam na porta da cidade, na indecisão, porque seu intelecto ainda não compreende nada. Que direção eles devem tomar? De qualquer forma, o coração já percebe a irradiação da rosa que desabrocha e reconhece intuitivamente o caminho que a estrela indica, assim como a necessidade de segui-lo.

UM CORAÇAO TAO SECO QUANTO O DESERTO

A Seca vê bem que a fonte do princípio divino renascido protege os viajantes contra inúmeros perigos e os conduz rumo às fontes e oásis. Pouco a pouco, entretanto, ela consegue fechar seus corações e "transformá-los em deserto como o que eles tentam enfrentar".

O que aconteceu? O princípio divino renasceu no coração e o chamado foi ouvido, mas os dois outros santuários, a cabeça e a bacia, ainda quase intocados, logo recusam as novas forças.

A Seca — o eu superior também chamado de ser aural — retoma a direção e tenta por todos os meios desencorajar os viajantes e impedir sua viagem. A ambição pelo ouro vai crescendo, a ilusão de serem enviados de Deus os torna cegos, enfim, o orgulho os desvia daquilo que eles acreditaram ser a pobreza da criança.

A Seca declara, então: "Há muitas coisas tão secas quanto o deserto, mas nada é mais árido do que o coração humano."

A ÁGUA VIVA NUNCA SECA

Vamos dizer mais: enquanto o coração, a cabeça e a bacia não tiverem



sido liberados das correntes do ser aural, a água viva do rio de Deus continuará inacessível. O momento de uma colaboração correta somente chegará depois de inúmeras experiências da vida cotidiana e de vida anteriores que foram se sucedendo no microcosmo. Todas estas experiências podem ser comparadas à fome, à sede, aos espinhos, ao violento calor do sol, ao frio da noite, às areias movediças e assim por diante. Elas abrem caminho à compreensão libertadora do pecado contra o Criador: o afastamento, a fuga e a perdição. Aquele que busca se dá conta de que a vida é um deserto seco, vazio, árido. E a compreensão faz nascer a humildade que lhe permite estar atento interiormente ao princípio divino. Somente assim ele vai se tornando consciente da fonte de água viva que sempre está presente e sempre é



Quanto mais eles seguiam adiante, mais aumentava sua cobiça, sua ilusão, seu orgulho.

preenchida pelos buscadores que o precederam. A caravana que sempre tem água à sua disposição pode simbolizar, aqui, a Fraternidade da Vida, que precede a humanidade e a sustenta no caminho, em caso de necessidade. Todo ser humano pode triunfar sobre a seca dentro de si mesmo, com a condição de que sua cabeça, seu coração e sua bacia encontrem sua unidade de ação, e se tornem puros santuários devotados à sua verdadeira tarefa. O luminoso princípio divino que ele possui interiormente será, então para todos os seus semelhantes, uma estrela capaz de guiá-los para o bom caminho.

A REALIDADE PARA P. D. OUSPENSKY

Peter Demianovich Ouspensky nasceu em Moscou em 1878 e morreu na Inglaterra, em 1947. Em 1909, surgiu seu primeiro livro, A quarta dimensão, que foi uma autoridade no terreno das matemáticas abstratas. Mas ele era mais do que um matemático. Personalidade cheia de talentos, desde jovem foi fascinado por aquilo que ele chamava de "o maravilhoso".

Com trinta anos, já havia lido tudo o que dizia respeito à teosofia. Conhecia muitos movimentos esotéricos e, graças a sua memória prodigiosa e à fineza de seu espírito, era capaz de estabelecer relações surpreendentes. Sua tendência à pesquisa e à experimentação pessoais de "tudo o que se aspirasse" o transformou, de filósofo que havia se tornado, em psicólogo, e de intelectual em buscador da verdade. Em um certo sentido, foi um precursor, quase o protótipo do ocidental bem treinado no plano intelectual. Não deixou, no entanto, de desenvolver harmoniosamente outros centros e poderes.

OBJETIVO DE SUA BUSCA

Apesar de sempre ser tocado pelo "maravilhoso", que refrigerava sua alma e a elevava para além da tristeza diária, este não era o objetivo de sua pesquisa. Em seus textos, sempre estava presente o conceito de "uma outra realidade" subjacente à existência humana.

Para melhor compreender sua originalidade, é bom deixar claro o que ele entendia por "outra realidade". Seus estudos o haviam ensinado que a consciência humana não é duradoura, que ela não existe realmente. Ele escreve:

"Depois,cheguei à convicção de que sonhávamos, que dormíamos; em seguida, percebi que sonhávamos continuadamente, tanto no sono quanto em estado de vigília. Os sonhos não páram jamais. Nós não o percebemos em estado de vigília por estarmos presos à corrente ininterrupta das sensações visuais, auditivas e outras, como também não vemos as estrelas quando o sol está brilhando. Mas, exatamente como é possível perceber as estrelas no fundo de um poço profundo, é possível perceber os sonhos que nos atravessam se nos fecharmos, por acaso, ou pela própria vontade, a todas estas impressões exteriores. Isto significa que, ao despertarmos, o sono não pára, mas que a ele se sobrepõe o estado de vigília que faz desaparecer as vozes e as imagens dos sonhos. Mas os sonhos estão sempre presentes. Basta dividirmos nossa atenção e veremos que, nos pensamentos e nas conversas comuns, surgem idéias, palavras, personagens, rostos e cenas, seja do passado, seja do tempo de escola, de viagens ou de algo que já ouvimos, ou até de alguma coisa que nunca aconteceu mas que já pensamos ou pronunciamos em um dado momento."

IDÉIAS MORTAS DE USO GENERALIZADO

Esta citação mostra claramente o quanto Ouspensky era conseqüente ao fazer suas experiências e como ele



observava seus pensamentos com rigor clínico. Desta forma, ele faz a distinção entre pensamentos reais e irreais:

"Não encontrei nada no mundo da realidade que correspondesse aos termos teosóficos "corpo astral" ou "mundo astral", nem ao conceito de "reencarnação" ou de vida futura', no sentido comum desta palavra, ou seja: a uma forma qualquer de existência da alma dos mortos. Tudo isto não tinha nenhum sentido nem refletia nenhuma realidade, sem estar, no entanto, em oposição com a verdade. O mesmo acontecia com muitos outros conceitos, como por exemplo o de "evolução", como era compreendido pelo pensamento científico. Estes conceitos não correspondiam a nada e não significavam absolutamente nada.

Encontrei um número enorme de idéias mortas de uso generalizado. Ora, estas que citei mais acima pertenciam às ditas "teorias sociais". Elas simplesmente não existiam. As palavras existiam, mas sem a realidade por trás delas. De fato, quase todas as idéias e conceitos dominantes segundo as quais os homens viviam pareciam não ter nenhuma existência. Extremamente assustado, cheguei à convicção de que somente um pequeno número de idéias correspondia a fatos reais, ou seja, poucas existiam verdadeiramente. Vivemos em um mundo fictício, imaginário; raciocinamos a partir de idéias preexistentes, seguimos nossos objetivos sem realidade, inventamos tudo e até a nós mesmos."

O leitor não se assustará em saber que alguém que pensava deste modo, que saiu de tal forma do modelo estabelecido de pensamento social não tenha podido viver na Rússia de sua época. Também não é de se assustar que Ouspensky tenha atacado os trabalhos de psicanálise de Freud e Jung. Segundo ele, estas visões psicológicas "modernas" eram fracas e até mesmo perniciosas, pois elas prometiam muito e quem nelas acreditasse perderia seu poder de discernimento entre o verdadeiro e o falso.

Dor e sofrimento: estimulantes interiores

O sentimentalismo, a autopiedade, o romantismo e a exaltação nada valiam para ele. A verdadeira beleza, ou seja, a beleza acompanhada pelo conhecimento puro, dava-lhe uma nova compreensão que o impulsionava para um novo estado de vida. A dor e o sofrimento o estimulavam a seguir sua pesquisa. Sondando o mistério da morte sem poupar a força de seu psiquismo, ele chegou a observações consideráveis:

"Minhas tentativas para chegar a saber alguma coisa sobre a morte ocuparam um lugar extraordinário em minhas experiências. As indagações neste sentido continuavam normalmente sem respostas e eu estava vagamente consciente de que estas questões traziam em si um erro essencial."

Entretanto, quando menos esperava, ele recebeu a resposta que procurava:

"Minha experiência aconteceu quando morreu uma pessoa muito pró-

xima de mim. Eu ainda era jovem e fiquei muito abatido com esta morte. Não pensava em outra coisa, e me esforçava para compreender e resolver o enigma de um desaparecimento como este, e dos laços que unem as pessoas. De repente, jorrou em mim uma onda de novos pensamentos e percepções, que me fez ficar espantosamente calmo. Vi, de repente, por que não podemos compreender a morte, por que a morte nos faz medo, por que não encontramos resposta a todas as perguntas que fazemos a respeito da morte. Esta pessoa que morreu e em quem eu pensava, não estava morta: ela jamais havia vivido! Aí estava a solução. Não era ela que eu via normalmente, mas algo que era sua sombra. E a sombra havia desaparecido.

Estes pensamentos repentinos e vivos se dissiparam tão rapidamente quanto haviam chegado. Durante alguns segundos, sobrou apenas uma espécie de representação espiritual destas idéias. Vi duas imagens diante de mim. Uma, pequena, era a vaga silhueta da pessoa que eu havia conhecido; a outra, era um caminho que serpenteava na montanha, atravessava riachos e desaparecia ao longe. Era a imagem da pessoa tal qual ela era na realidade e isto eu não podia compreender nem interpretar."

Todas estas experiências prepararam Ouspensky para a compreensão profunda de que "nada podemos", conforme as palavras de Cristo,que era para ele uma força real extremamente poderosa: *"Sem mim, nada podeis"*. Ele não recuou diante das conseqüências desta afirmação.

"Em cada caso, minhas experiências estabeleciam com uma evidência indubitável que era possível entrar em contato com o mundo real que se encontrava por trás da miragem vacilante do mundo visível. Vi que o conhecimento do mundo verdadeiro era possível, mas que, segundo minha pessoa, enquanto minhas experiências se tornavam cada vez mais claras, era preciso uma outra abordagem, uma outra preparação.

Retomando tudo o que havia lido e ouvido dizer, compreendi de uma vez por todas que muitos antes de mim chegaram ao mesmo resultado e que todos haviam encontrado a mesma dificuldade: a impossibilidade de traduzir na língua de um mundo morto as impressões de um mundo vivo. Todos tinham encontrado esta dificuldade, menos aqueles que conheciam outros meios de abordagem. Finalmente, cheguei à conclusão de que era impossível atingir o que quer que seja sem a ajuda daqueles que conheciam uma outra abordagem."

O CONHECIMENTO FUNDAMENTAL DO UNIVERSO

Em 1915, Ouspensky entrou em contato com o filósofo russo Georges Ivanovich Gurdjieff. Ele pensava que poderia encontrar nele um "verdadeiro ser vivo". Gurdjieff mostrou que, se as obras de Ouspensky tinham algum valor, elas eram especulativas. O conhecimento fundamental do universo, do homem e das leis que os governam não apareciam nestas obras. Além disso, segundo Gurdjieff, se quisermos que um estudo como este tenha um resultado libertador, a força necessária é a que emana do Mundo da Realidade! Esta força é protegida e guardada. É possível trabalhar com ela nas Escolas de Mistérios, onde somente são admitidos os autênticos buscadores da verdade.

Ouspensky recebeu de Gurdjieff uma formação teórica e prática que o impressionou profundamente. Um de seus mais belos pensamentos desta época diz respeito às duas maneiras de escrever a história da humanidade. Ele define a primeira de "história de crimes". Todos os momentos e viradas críticas da história estão marcados por crimes enormes;

assassinatos, violência, pilhagens e assim por diante. A segunda é a "história verdadeira" e ela é conhecida por pouca gente. A maioria não é capaz de percebê-la porque a "história de crimes" os cega.

A verdadeira história diz respeito aos guias do mundo, as escolas iniciáticas e as comunidades que transmitem o verdadeiro conhecimento a um pequeno número daqueles que estão preparados para ouvi-la. São apoios no caminho, que buscam, sem cessar, novos meios e novas formas para restabelecer a relação entre o homem e seu Criador em toda parte em que isto é possível. Muitos sacrificaram tudo o que possuíam por esta causa, e muitas vezes até a própria vida! Segundo Ouspensky, cada aluno no caminho da libertação interior deve ter uma imensa gratidão e reconhecimento para com todos aqueles que outrora abriram o caminho, que ainda o abrem e o guardam!

Os poderes a serviço da Realidade

O que Gurdjieff transmitiu a Ouspensky aparece no livro Fragmentos de um ensinamento desconhecido. Em seguida, Ouspensky desenvolveu um sistema psicológico que descrevia em cinco conferências. Aliás, ele dava menos valor a seus próprios textos que às perguntas de seus ouvintes. Em 1950, depois de sua morte, suas cinco conferências surgiram sob o título de *Evolução possível da psicologia do homem.* Ele também escreveu um romance em que retoma este tema.

Ouspensky, este buscador da verdade, esforçou-se durante toda a sua vida para colocar sua personalidade e seus poderes a serviço da "Realidade". Para ele, esta era a magia do maravilhoso. Ele fez conferências até sua morte e dava a todos a tarefa de ajudar os outros no mesmo caminho. Com um sorriso, ressaltava o paradoxo do verdadeiro conhecimento e da verdadeira sabedoria:

"Cada um tem de fazer as coisas por si mesmo, mas sem Ele, nada podemos fazer."



O CHAMADO DA ROSA-CRUZ, QUATRO SÉCULOS DE UMA TRADIÇÃO SEMPRE VIVA

Exposição na Biblioteca Real de La Haye, na Holanda.

Para muitos, as atividades da Rosa-Cruz estão envoltas em segredos e obscuridade. Quem foi Christian Rosenkreuz, o misterioso fundador da Fraternidade Rosa-Cruz? Qual era a mensagem dos rosa-cruzes no século XVII? Qual foi, e qual é hoje, o objetivo dos diversos movimentos rosa-cruzes?

Muitas perguntas relativas à história da Rosa-Cruz foram respondidas graças a intensas pesquisas científicas. E a força espiritual que anima esta Fraternidade continua sempre ativa, no século XX.

A partir da iniciativa da Biblioteca Real de La Haye, na Holanda, e da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, em Haarlem, com a colaboração da Biblioteca Philosophica Hermetica de Amsterdã, todas estas descobertas e conceitos específicos que dizem respeito à Rosa-Cruz foram objeto de uma exposição que teve como título:

O Chamado da Rosa-Cruz, quatro séculos de uma tradição sempre viva.

No decorrer da inauguração oficial, no dia 10 de dezembro de 1998, a Rozekruis Pers apresentará uma nova tradução em holandês e em alemão da *Fama Fraternitatis*, segundo um manuscrito inédito anterior a 1614.

A exposição estará aberta entre 11 de dezembro de 1998 e 20 de fevereiro de 1999, das 9h às 17h. Entrada livre. Endereço: Prins Willem Alexanderhof 5, 2595 BE, La Haye, Holanda (perto da estação de La Haye CS). Em 15 de dezembro de 1998 e 11 de fevereiro de 1999, às 20 h, haverá uma conferência na Biblioteca Real de La Haye, no setor reservado a esta exposição. Entrada livre.

A PRISÃO DE NOSSOS PRÓPRIOS PENSAMENTOS

A estranha vida de Ivan Osokin, o romance de Ouspensky, surgiu durante a Segunda Guerra Mundial. A história se passa em 1902, em Moscou. Ela começa no momento em que Ivan Osokin acompanha sua amiga Lenaoda à estação. Ela está partindo para a Criméia, muito contrariada porque Osokin não está indo com ela. Ela ficaria muito feliz se ele fosse. Osokin gostaria de acompanhá-la, mas algumas dificuldades o prendem em Moscou. Sua amiga deve, portanto, partir sozinha. Ele pede que ela lhe escreva. Ela responde que sim e espera que ele logo vá a seu encontro. Ele promete fazer isto.

Mas Osokin fica em Moscou. Escreve todos os dias a Lenaoda. Por outro lado, depois de alguns meses, ela já não responde suas cartas. Depois, Osokin sabe, por seu irmão, que ela está planejando se casar. Então, perde completamente a cabeça e sai de casa correndo, com um revólver carregado: já não vê nenhuma saída para ele.

Perturbado e sentindo muita dor, vai até a casa de um mágico, que parece conhecê-lo há muito tempo. Osokin abre seu coração para ele e lamenta o fato de toda a sua vida ter sido um completo fracasso.

O mágico avisa que ele poderia saber tudo, mas Osokin não concorda: vê as coisas de outra maneira.

Não é trágico, não poder ver as conseqüências de seus atos? Ou de não querer ver? Este processo de recusa já não começa desde os primeiros anos de vida? Mas quem pode deixar de fazer coisas das quais desconhece a amplitude e que no entanto determinam o resto de sua existência? Quem não gostaria de reviver certos anos de sua vida, porque assim saberia o que seria preciso fazer? Assim, ele veria os perigos que iriam acontecer e saberia qual era o seu objetivo. Tudo iria se passar de forma completamente diferente!

Osokin pergunta ao mágico se ele pode fazer o tempo voltar atrás. Mas, sim! É possível, lhe responde ele, mas este recomeço não fará com que ele ultrapasse a situação presente. Osokin está convencido de que, desta vez, vai conseguir um bom resultado e que sua vida vai se desenvolver de outra forma. O mágico consente com isto e faz com que ele volte doze anos em sua vida.

Ele volta a ser um adolescente de 14 anos e recomeça tudo com coragem. Mas será que ele age, agora, de forma diferente do que agiu no passado? Absolutamente não. Depois dos 12 anos combinados, ele chega à espantosa conclusão de que sua vida somente se repete e que o tempo, de uma maneira ou de outra, brincou com ele mais uma vez. Em momentos importantes, ele não estava preparado para escolher ou para agir de forma diferente: mesmo agora, que ele já havia sofrido as conseqüências destes mesmos atos!

Novamente, ele se encontra na estação, para dizer adeus a Lenaoda. Novamente ele lhe pede que escreva e ela lhe promete, com esperança de que ele logo virá ao seu encontro. Novamente ele apenas houve falar dela durante alguns meses e logo

sabe que ela planeja se casar. Ele perde a cabeça, carrega seu revólver e sai para a rua, e vai até a casa do mágico. Mas ele se lembra de que esta não é a primeira vez que faz isto, nem a segunda! Quantas vezes ele já chegou a este ponto e não fez nem um milímetro a mais?
Então, reflete que nada mudará enquanto ele continuar como é. Consciente deste círculo vicioso, eleva-se dentro dele o desejo de viver uma outra vida, absolutamente diferente da "realidade" que ele conheceu até este momento: um desejo infinito de viver uma realidade completamente diferente, uma realidade sem manchas. No início, ele tem somente uma vaga idéia da força necessária para atingir um objetivo como este. Ele aspira a um amor desinteressado, um amor que não se dirige a nenhum homem, a nenhuma mulher, mas a um outro princípio vital, imparcial e verdadeiro para todos; um amor que ultrapassa o amor humano, que não tem nada a ver com o amor humano.
Ele percebe que já não tem nada a perder e que o suicídio não fará com que ele dê nenhum passo a mais.
E, como agora está pronto a recomeçar de maneira verdadeiramente nova, o mágico é o único que poderá ajudá-lo neste caminho.
Assim termina a história. Ouspensky não diz qual foi a escolha final de Ivan Osokin Fica para o leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

ATACAR INTERIORMENTE O MAL PELA RAIZ

"Por que retornais sempre aos velhos hábitos? Por que vos encerrais sempre de novo no velho círculo de pensamentos? É porque não arrancastes ainda o mal pela raiz, o mal que se encontra na aura. A aura deve tornar-se qual um mar de cristal, capaz de refletir, sem distorções, a eterna luz solar na personalidade.
Aquele que alcançou este estado, pregou a rosa na cruz. Quem alcança este estado, conhece, em si próprio, o Ser de Cristo."

(*O Novo Sinal*, Jan van Rijckenborgh, 2a. edição 1983, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil, página 26.)

DOENÇA: GRITO DE ANGÚSTIA DA ALMA

Há uma harmonia viva e contínua entre a criatura e o microcosmo, o cosmo e o macrocosmo no interior dos quais ela se manifesta. Esta perfeita interação entre energia e matéria em todas as suas gradações também acontece nas diferentes partes da personalidade. Por isso, a doença não somente diz respeito a um ou a vários órgãos, mas à personalidade como um todo.

O homem é um elemento vivo na grande Criação macrocósmica. Na aurora dos tempos, ele se colocou fora dos domínios da lei macrocósmica e aí se mantém até hoje: aí reside a causa de suas doenças. Portanto, a doença é a expressão de uma perturbação de todo o sistema vital. Paracelso descreve o homem como um microcosmo que reflete o macrocosmo, em tamanho menor. Isto quer dizer que cada criatura está ligada a todos os processos que acontecem no universo. A respeito disso, Paracelso diz: *"As criaturas são os caracteres que descrevem a origem do homem".*

TODAS AS DOENÇAS SÃO DOENÇAS DA ALMA

Um ser doente não se sente bem, está enfraquecido e geralmente sofre dores freqüentes. Sentir, experimentar e sofrer não são somente percepções do corpo, mas também da alma que guia o sistema humano como um todo. O poeta pré-romântico alemão Novalis (Friedrich L. von Hardenberg, 1772-1801) diz: *"Todas as doenças podem ser qualificadas, com justeza, como doenças da alma."* Há aproximadamente um século, existe um ramo da medicina que se chama "psicossomática" que estuda as relações entre o físico e o psíquico. Enquanto estas relações não forem harmoniosas, haverá perturbações que provocam doenças psíquicas ou físicas. Portanto, Novalis tinha razão. Os problemas, as decepções, os desejos recusados, a agressividade contida engendram tensões que geralmente são transferidas para o inconsciente. Estas experiências da alma não-assimiladas acabam trabalhando no corpo e aí deixando seus vestígios. O homem "é marcado pela vida".

AS EXPERIÊNCIAS NÃO-ASSIMILADAS DO MICROCOSMO

Deste ponto de vista, as doenças desempenham um papel regulador bastante útil. Elas fazem com que a pessoa fique atenta a uma perturbação mais séria e permitem que busque a causa profunda disto. Desta forma, os problemas recalcados para uma camada mais profunda da consciência podem ser resolvidos. Jan van Rijckenborgh, o fundador da Rosacruz Áurea, ressalta o fato de que o subconsciente também é o depositório das experiências não-assimiladas das encarnações anteriores do microcosmo. A consciência do habitante atual do microcosmo procede da soma de todas estas experiências anteriores.

R. Dahlke, em seu livro *De zin van ziek zijn* ("O significado da doença"), observa: *"Doença é fome".*

Diremos que doença é fome de uma tomada de consciência, pois a evolução do homem é a evolução de sua consciência! As camadas de sua consciência que ainda não se desenvolveram devem ir evoluindo pouco a pouco, e são as experiências positivas e negativas de todos os dias que vão realizando isto.Se um limite é atingido, mas não é reconhecido, a doença pode trazer uma purificação e uma nova tomada de consciência.

A maioria das pessoas não tem consciência de quem é realmente. Elas sabem que têm um corpo, mas sentem também que o corpo e o eu são duas coisas diferentes. O eu é, por assim dizer, o habitante do corpo. Para estas pessoas, continua sendo um mistério o que o eu deve fazer com o corpo, ou qual seria a tarefa do homem na Criação.

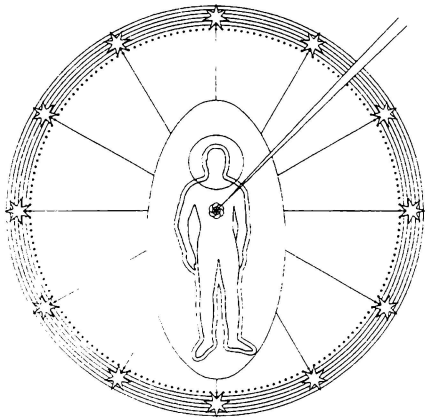
Tentativas de correção de comportamento

É possível considerar a doença como uma tentativa de correção, a fim de obrigar o homem a refletir e a tomar consciência de sua situação. Reprimir este sinal significa apenas deixar para mais tarde a tomada de consciência. É a mesma coisa que desparafusar uma lâmpada do soquete, acreditando que assim podemos suprimir a causa do problema. No passado, os grandes pensadores e os seres iluminados sempre ressaltaram a importância da doença. O sábio chinês Lao Tsé diz: *"A verdadeira doença do homem é ignorar sua ignorância."* Buda já indicava que *"A fonte de todo o mal é a ignorância da realidade".* Hermes Trismegisto formulava esta idéia como se segue: *"O único pecado do homem é não conhecer Deus."* Na Sagrada Escritura podemos ler: "Meu povo é destruído por falta de *conhecimento*". Os gregos da antiguidade tinham como sabedoria máxima: *"Scio nescio"* (sei que não sei). E eles gravaram na parede frontal do templo de Delfos: *"Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e Deus."*

"Homem, torna-te consciente do que és!" este é o apelo de todo verdadeiro guia da humanidade, tanto ontem como hoje.

"Não pude encontrar a alma"

Para compreender a doença do corpo e curá-la, é preciso ter uma visão clara da anatomia e dos processos vitais do corpo. Ao lado disto, a psicologia é indispensável para compreender os problemas no plano da psique, aqui designada como alma. Neste plano, o conhecimento do corpo não é suficiente. O grande anatomista alemão Rudolf L.K. Virchow (1821-1902) escreveu: *"Fiz autópsias em centenas de cadáveres, mas nunca encontrei a alma".* A psicologia moderna fala dos quatro aspectos diferentes da alma humana. Estes aspectos são visíveis no decorrer da evolução da humanidade, mas também no desenvolvimento do homem. Como todos os leitores deste artigo já sentiram dor, vamos examinar como os quatro níveis da alma estão ligados à sensação de dor.



O homem no interior do microcosmo.

Os diferentes níveis de percepção

Os quatro níveis da alma são assim definidos, de maneira geral:

- a alma que percebe
- a alma que sente
- a alma que raciocina
- a alma que intui

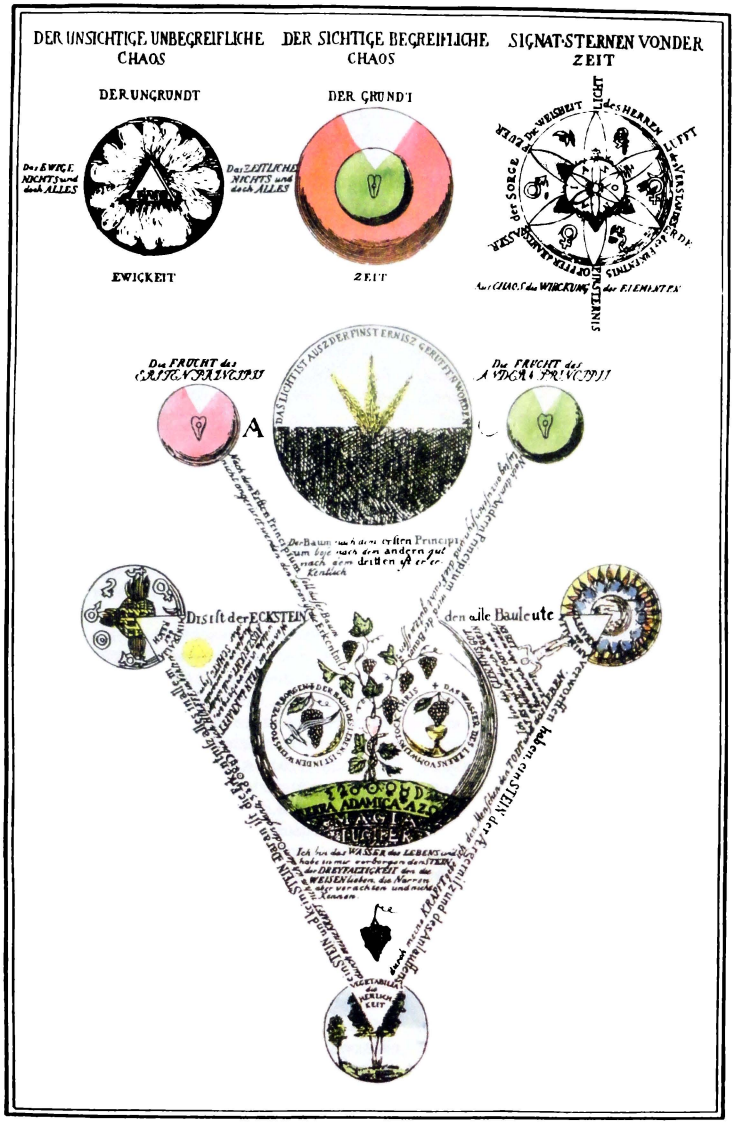
Nos primeiros anos de vida, a *alma que percebe* desempenha um papel dominante e determinante e isto acontece até o fim da vida. Trata-se de percepções corporais, em que a alma e o corpo estão estreitamente ligados. Os diferentes níveis da alma ainda não estão desenvolvidos neste momento. É por isso que a criança vive a dor de modo muito direto e reage a ela imediatamente. Desde o momento em que a dor se acalma, vem o sentimento de bem-estar. Quando uma criança de colo sente cólicas no estômago durante uma mamada, todo o seu corpinho é pura dor. Mas, quando as cólicas desaparecem, a fome o domina novamente e ele continua sua mamada.

A *alma que sente* sofre mais a dor do que a sente. Este aspecto da alma quádrupla surge na puberdade e segue seu desenvolvimento. Como a alma que sente tem uma cor pessoal, cada um sofre de uma maneira que lhe é própria.

A *alma que raciocina* acaba de se desenvolver lá pelos 28 anos no ser humano jovem, em condições normais. O poder da razão serve para controlar as sensações. A pessoa atingida pela dor irá buscar uma explicação racional e tomará as medidas necessárias para combatê-la. A razão lhe permite também estabelecer a causa desta dor e corrigir seu comportamento. A metade esquerda do cérebro busca uma relação causal, e, se alguém descobre que um certo alimento ou um certo modo de agir lhe causa problemas físicos, pode rever sua alimentação e suas atividades. A *alma que intui* está presente no estado rudimentar, mas ela mal se manifesta na maioria das pessoas. Graças a este aspecto da alma, é possível perceber as dimensões interiores não perceptíveis pelos sentidos e que ultrapassam os limites da razão. A metade direita do cérebro corresponde à alma intuitiva, que é capaz de deduzir, a partir de percepções sensoriais, os processos mentais e tirar conclusões de causas ainda invisíveis.

"O corcel mas rápido que conduz à realização"

O homem que está gravemente enfermo sabe, geralmente, que a causa disto está em uma interpretação errônea ou na recusa de um certo aspecto do processo de toma-


DER UNSICHTIGE UNBEGREIFLICHE CHAOS
DER SICHTIGE BEGREIFLICHE CHAOS
SIGNAT-STERNEN VONDER ZEIT
DER UNGRUNDT
DER GRUNDT
EWICKEIT
ZEIT
Der FRUCHT des
Der FRUCHT des
Dis ist der ECKSTEIN
den alle Bauleute

PERTURBAÇÕES PSÍQUICAS CADA VEZ MAIORES

"Sem exagero, pode-se dizer da humanidade que ela está se tornando rápida e fundamentalmente doente em sua alma.
Visto que a humanidade respira e vive numa atmosfera envenenada, não é de se estranhar que outros reinos naturais também sejam atingidos. Juntamente conosco, os reinos vegetal e animal respiram as influências nocivas etéricas e radiações astrais completamente impróprias e degradadas. Todos aqueles que delas se nutrem são atingidos de múltiplas formas em todos os fluidos da alma. Pode-se pois concluir que delas ninguém escapa. Ninguém pode evitar os estragos psíquicos que atingem principalmente as novas gerações e as perturbarão sempre mais."

(*O Remédio Universal*, Jan van Rijckenborgh, 1982, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil, página 4.)

da de consciência. Graças à alma intuitiva, o paciente pode acabar compreendendo que sua doença corresponde a uma tentativa de correção de um certo erro, o que oferece uma perspectiva nova e magnífica. Mestre Eckhart diz: *"O sofrimento é o corcel mais rápido que conduz à realização"*.

UMA NOVA DIMENSÃO

Uma outra imagem vem dos textos e tradições das antigas escolas iniciáticas. São esoteristas como H. P. Blavatsky, Rudolf Steiner e Max Heindel que tornaram acessíveis estes ensinamentos aos buscadores, e a Escola Espiritual Internacional da Rosacruz Áurea acrescenta a eles uma nova dimensão nesta época atual, pois é evidente que o homem de hoje se encontra diante de uma escolha: seguir o antigo caminho da alma quádrupla, ou realizar um quinto aspecto: adquirir a veste da alma imortal.

O nível mais baixo do mundo físico é a região da matéria. O corpo físico é alimentado e mantido por energia sob a forma de éteres. O canal pelo qual esta energia passa pelo corpo físico é o corpo etérico. É através deste corpo que percebemos as sensações físicas.

O terceiro nível é chamado de corpo astral. As forças e movimentos interiores deste corpo são transmitidas ao corpo físico pelo corpo etérico. Também é a via que traz a síndrome das doenças que se inscrevem no corpo físico.

O quarto aspecto da alma é o corpo mental, em relação com o pensamento. Podemos distinguir duas regiões: a região do intelecto e a região da compreensão inteligente. A palavra latina *"intelligere"* quer dizer compreender, ver interiormente as relações recíprocas. Esta compreensão conduz a resultados bem diferentes dos que provêm dos cálculos frios do intelecto. Mais acima, encontra-se a região da intuição, uma compreensão que não provém da personalidade.

O caos invisível incompreensível e o caos visível compreensível. Figuras dos rosa-cruzes dos séculos XVI e XVII.

A alma inspirada pelos impulsos divinos

É na região mental que se encontra o ponto de encontro entre a alma inferior, pessoal e mortal, e a alma superior, imortal e divina. Depois da morte, a parte mortal se volatiliza. A parte imortal continua e, na encarnação seguinte do microcosmo, reveste-se de um novo conjunto de corpos. No nível da alma espiritual pura, o ser humano é inspirado pelos impulsos divinos.

Enfim, há o nível do Espírito, em que a centelha-do-Espírito divino é ligada à personalidade. É por esta centelha divina, chamada de "rosa-do-coração" pelos rosa-cruzes atuais, que os puros impulsos divinos são transmitidos ao homem. A alma superior que envolve a centelha-do-Espírito compreende, portanto, o aspecto espiritual, o aspecto intuitivo e o aspecto passageiro do corpo mental. Estes aspectos da alma, superiores e imortais, formam o ego do homem verdadeiro. Em sua totalidade, é o que a filosofia da Rosacruz Áurea denomina "microcosmo".

Em um certo sentido, a personalidade inferior, com sua alma nascida da evolução natural, é o elo que liga novamente o homem-alma superior à matéria em que ele poderá se expressar na medida em que a personalidade inferior lhe permitir. O ser humano é, portanto, um ser duplo, sobre o qual Goethe diz, em seu livro *Fausto*:

"Ah, duas almas habitam meu peito,
Uma quer se separar da outra;
Uma, no meio de espinhos
dos sentidos,
Tenta ir rumo à salvação do mundo,
Cheia de paixões.
A outra, impetuosa,
Se eleva para além da matéria.
E se volta para o país de seus pais."

"As formidáveis forças de Urano são temíveis; elas são extraordinariamente dinâmicas em nossa época. Apresentam-se também como intuição. Que é intuição? Para os homens, 'a intuição é um sentimento súbito, um pensamento repentino, provindo do exterior, às vezes, premonitório'... Mas isso são indicações vagas! A intuição, no sentido absoluto, é o intercâmbio cotidiano com Deus, uma vida continuamente em Cristo; dizemos que é estar em harmonia com o mundo interplanetário do espírito de vida, do qual, o corpo, que foi preparado, pode captar as vibrações, que são, portanto, gravadas na consciência. Esta é a verdadeira intuição."

Confessio, Jan van Rijckenborgh, 1987, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil, páginas 28-29.

Cidadão de dois mundos

O ser humano possui, portanto, uma natureza dupla. É o cidadão de dois mundos: o mundo eterno, infinito, e o mundo temporal, limitado no espaço. Mas, geralmente, somente a personalidade terrestre mortal tem direito à palavra! Esta consciência é determinada pelas percepções sensoriais, subjetivas e enganosas. Entretanto, este ser humano carrega também em sua alma uma centelha-do-Espírito, inspiradora e animadora da mais alta idéia do homem enquanto ser que está ligado a Deus.

Uma consciência animal não pode viver em uma pedra; uma consciência humana não pode se desenvolver em um animal. Se o homem não tivesse recebido esta centelha divina, nenhuma consciência divina poderia desenvolver-se dentro dele. A queda, ou seja, a evolução submetida à consciência terrestre, marcou o início de um longo

Geralmente os conceitos de intelecto e inteligência se confundem. O intelecto diz respeito à faculdade de raciocinar de modo analítico ou sintético. Então, falamos de um cérebro bem treinado. "Um homem inteligente não tem necessidade de ser extremamente desenvolvido intelectualmente. E principalmente não confundamos inteligência com intelectualidade. A inteligência exige um poder mental desenvolvido: iluminada por uma reação correta aos impulsos divinos, ela é o espelho do espírito humano que ilumina a razão."

Het Levende Woord (O Verbo Vivente), Rozekruis Pers, Holanda.

caminho no decorrer do qual o ser humano deveria tornar-se consciente de si mesmo.

O abandono do paraíso

O homem desceu das esferas onde somente reina a unidade, para ir até a dualidade, onde reinam os contrários. Ele deixou o Paraíso por sua própria vontade e por isto perdeu seu estado santificado. O último vestígio do homem divino original está agora prisioneiro da personalidade mortal. E, neste pequeno reinado da personalidade, é o eu quem reina. Portanto, o eu que se glorifica por seus pensamentos, vontades, desejos e atos duros como pedra deve se afastar para dar lugar à verdadeira intuição e inspiração. É preciso tirar a pedra que fecha o túmulo para que a alma ressuscite.

Quem tiver consciência deste primeiro passo, sentirá que poderá descobrir um mundo de novas possibilidades. No início, serão suposições vagas, mas, desde o momento em que a personalidade ilusória, que se diz imortal, é desmantelada, novas perspectivas surgem clara e distintamente. A humanidade se encontra em um ponto em que a descida do princípio da alma na matéria chegou a seu limite. Chegou a hora da libertação. A evolução da personalidade quádrupla chegou a seu termo e a evolução da alma imortal deve começar já.

Pedra viva de uma ordem divina

A razão foi desenvolvida para que o homem chegasse ao autoconhecimento. Podemos dizer, portanto, que a finalidade da evolução na matéria é a consciência individual, a autoconsciência. No duro caminho das experiências incessantes, o homem chegou a uma curva em que é possível encontrar dentro de si um lugar para a alma imortal. Ele pode e deve, enfim, satisfazer à recomendação: *"Homem, conhece-te a ti mesmo"* a fim de adquirir o conhecimento de seu Criador e da manifestação universal.

Somente conhecendo a si mesmo e vendo dentro de si a alma imortal como "imagem de Deus" ele poderá tornar-se uma pedra viva na ordem divina, a fim de preencher sua missão.

Como já dissemos, a medicina psicossomática mostra que recusar a evolução de uma nova consciência pode trazer "correções", que se manifestam por doenças. É evidentemente o mesmo fenômeno que se passa quando recusamos dar o próximo passo, ou seja, chegar à "consciência onipresente". Se tentarmos eternizar nosso eu pensando que assim poderemos preencher a missão inata que nos vem de Deus, estas correções serão inevitáveis. Deste ponto de vista, elas representam "a mão do Criador estendida, mostrando a seu filho perdido o caminho de volta".

Este princípio corretor também é cha-

mado de *karma*. Tudo o que partiu da fonte deve retornar a ela um dia. A doença pode, portanto, ser considerada como "a busca da fonte" e o meio de encontrar mais rapidamente nossa verdadeira pátria. O *karma* não é um castigo do alto, mas um confronto com o passado: um confronto cuja conseqüência é a "doença fundamental" de que toda a humanidade sofre.

A possibilidade de ver a imensa missão da humanidade e de cada um em particular desvenda também a cruel incapacidade e a desesperadora solidão do eu. Então, sentimos profundamente o significado destas palavras do poeta alemão Friedrich Hebbel (1813-1863):

"Então, fico tremendo ao me sentir
sozinho como jamais tremi antes;
E aquele que eu sou saúda tristemente
Aquele que eu poderia ser."

Transformar a falta de rumo em vitória

A descoberta de "estar-se no exílio" pode marcar o início de uma renovação fundamental, pois nenhum poder tem a capacidade de rebaixar ao nível terrestre a centelha divina que cada ser humano possui dentro de si. Ele pode aprisionar a Luz, acorrentar-se à vida mortal, apagar a Luz, mas não pode destruí-la! Por amor a sua própria imagem refletida na matéria, o homem celeste caiu no mundo das ilusões e das forças contrárias. Mas, pelo anseio ao Amor infinito, ele pode transformar sua falta de rumo em vitória, deixar o mundo falacioso e voltar a sua origem divina.

Sem rumo andei por muito tempo,
Prisioneiro de muitas moradas;
Durante muito tempo busquei
O construtor destas prisões.
Em muitas encarnações
Lutei pela luz da verdade,
Em vão busquei
Descobrir a fonte do mal
De onde provém o fardo da existência.
Mas agora eu te reconheço!
Já não necessitas mais construir
para mim a casa do sofrimento.
Sim, o erro se desfez,
E as correntes da perdição
Todas se romperam.
Nem mesmo tua casa existe mais;
Ela não passava de uma ilusão vã
De minha própria pessoa.
Estou liberto
E agora vou em paz
Rumo à realização.

(Gautama Buda)

Existe um caminho que liga a Ciência à verdadeira Religião?

"Sinto-me atravessado por uma indizível exaltação diante do espetáculo divino das harmonias celestes. Eu que, pela contemplação do universo, tive Deus em minhas mãos, pergunto-me se posso encontrá-Lo também em mim mesmo."

(Johannes Kepler, astrônomo)

Quando o Renascimento abriu a consciência do homem ocidental e este pôde submeter a pesquisa científica ao raciocínio de seu intelecto, começou a abrir-se um abismo entre a ciência e a religião. A razão ainda jovem, descobrindo muitas proposições inverossímeis na religião oficial, foi-se desligando pouco a pouco de seu domínio . Durante séculos, religião e ciência haviam trabalhado juntas, mas, lá pelos fins do século XIX foi a ciência que ocupou o primeiro lugar.

Sob a proteção da igreja católica, muitos sábios haviam elaborado teorias revolucionárias, mas as autoridades religiosas logo lhes pediram explicações e alguns perderam a vida porque deram mais valor a seus próprios pontos de vista do que aos dogmas da igreja. Ora, a partir do Renascimento, a situação mudou. A consciência individual e coletiva teve a possibilidade de uma nova evolução. Alguns eruditos e pesquisadores voltaram as costas para a religião porque, para eles, a razão iria resolver todos os problemas. As interpretações estreitas e simplistas do raciocínio intelectual constituíram desde então a base das ciências modernas. Os antigos valores espirituais se perderam, enquanto que novos, que resultavam da pesquisa puramente intelectual, tomaram o seu lugar. O intelecto pôs-se a seguir seu próprio caminho.

Revelação dos segredos das leis cósmicas

Entretanto, houve também exemplos de uma outra evolução da consciência. O matemático, astrônomo e astrólogo alemão Johannes Kepler (1571-1630) tinha um extraordinário dom de observação e um grande rigor em seus cálculos. Ora, quanto mais ele desvelava os segredos das leis cósmicas, mais se sentia ligado à fonte espiritual de onde provém toda a vida. Seu espírito de invenção estava completamente a serviço de uma ordem superior, e suas descrições das leis cósmicas eram, para ele, a oportunidade de um aprofundamento espiritual e de sentimentos de humildade. Ele tinha consciência de que, desta forma, estava entrando em contato com os antigos Mistérios e daí recebia a inspiração. Em sua obra *Harmonices Mundi* (1619), ele escreve: *"Sim, fui eu quem arrebatou os vasos de ouro dos egipcios para construir um santuário a Deus. Escrevo este livro para o leitor de hoje. Mas que importância tem isto, se é preciso esperar cem anos por seu leitor? O próprio Deus esperou seis mil anos aquele que olha sua obra e a reconhece interiormente."*

O estudo das leis da natureza o conduz à fonte interior

Um mundo que funcionaria mecanicamente é um conceito estranho para ele. Ele deseja a seu próximo uma pro-



funda compreensão, quando diz: *"Não esqueça jamais que a finalidade de tudo isto é a compreensão, a admiração e a adoração do Criador onisciente."*

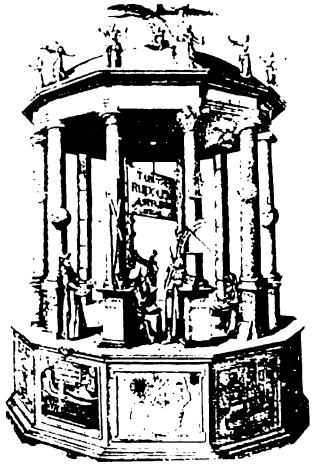
Em tudo ele buscava a ação do Espírito divino. Suas descobertas o levaram a buscar a verdade por detrás das formas exteriores: *"Nosso Criador dotou os sentidos do espírito. Isto, não somente para que o homem satisfizesse suas necessidades (pois muitas espécies de criaturas vivas chegam a isto com mais facilidade com uma alma sem inteligência) mas para que ele penetrasse até a essência das coisas que vê com seus olhos, até a causa do ser e do devir. Nossa atenção aumenta à medida que adquirimos o conhecimento da criação e de seu campo de ação. (Mysterium Cosmographicum, 1596).*

Reflexo do espírito divino

Para Kepler, a astronomia e a geometria não eram ciências abstratas, sem espírito: *"A geometria é una e eterna, um reflexo do Espírito divino. O fato de o homem poder tomar parte disto provém do fato de que ele é feito à imagem de Deus."*

Parece, portanto, que ele não era conduzido pela ambição e pelo orgulho como muitos homens de ciência.

Para ele, havia uma relação entre as leis da natureza terrestre e a música espiritual, as emanações do Logos. Tratava-se, segundo ele, de escutar também com os ouvidos espirituais: *"Preparem seus ouvidos para a alegria*



Tabulae Rudolphinae, tabelas de cálculos do movimento dos astros de Ticho Brahé e Johannes Kepler, obra publicada em Ulm em 1627. O quadro acima é a obra de Kepler, que descobriu a órbita elíptica dos planetas. Embaixo: horóscopo elaborado por Kepler, em 1608.

das harmonias celestes. Mas temo que haja muito poucos ouvintes!"

No meio da violência da guerra e em plena confusão, ele estava sempre buscando a harmonia divina: *"Quando a tempestade ruge e o estado é um navio prestes a naufragar, não há nada melhor a fazer do que deixar cair a âncora de nossos estudos pacíficos no solo da eternidade." (Astronomia Nova, 1609).*

A BUSCA DA HARMONIA PELA DESARMONIA

Kepler sofreu muito com a luta entre os luteranos, calvinistas e adeptos de Zwingli. Em 1612, em Wütemberg, ele foi excomungado porque não quis assinar a condenação dos calvinistas. Na casa paterna já não reinava a harmonia. Segundo ele, a atmosfera era perversa, grosseira e cheia de discussões.Seus pais andavam sem rumo com os exércitos, abandonando seus filhos em casa. Durante a Contra-Reforma, ele precisou fugir muitas vezes e abandonar seu trabalho.

TRÊS PONTOS FIXOS NO UNIVERSO MÓVEL

Em 1607, ele aproxima os mistérios da harmonia quando diz: *"A harmonia mais sublime é Deus e ele inscreveu em todas as almas uma harmonia interior à imagem de sua harmonia. Os números, as figuras, as estrelas, a natureza em geral estão em harmonia com certos mistérios da religião cristã. Como no universo se encontram três pontos fixos: o sol, as estrelas fixas e uma substância intermediária, e como todo o resto é móvel, o mesmo acontece com o Deus único: o Pai, o Filho e o Espírito."*

Na descrição do símbolo espiritual da perfeita harmonia, Kepler afirma: *"A esfera representa simultaneamente a triunidade. O Pai é o centro, o Filho é a superfície, e o Espírito, o diâmetro. No homem se encontra, também, uma variedade infinita de disposições harmoniosas."*

Em todas as suas obras, ele mostra a seus semelhantes os talentos ocultos que devem ser desenvolvidos. Para ele, o microcosmo é a "esfera espiritual" imortal que o homem mortal tem o dever de revivificar; e ele pensa que, neste processo, é indiscutível que o intelecto deve se submeter ao desenvolvimento espiritual.

O QUE OS ROSA-CRUZES ENTENDEM POR...

Homem: é preciso distinguir o homem biológico do homem microcósmico restabelecido. O primeiro dispõe de um corpo físico, ou material, de um corpo vital, de um corpo astral ou corpo do desejo, de um corpo mental e de um ego tríplice. Este sistema constitui sua personalidade mortal. O homem microcósmico restabelecido, também chamado de "Novo Homem", é igualmente sétuplo, mas imortal. Este homem se desenvolve a partir do princípio original divino.

Reminiscência ou nostalgia: trata-se do desejo ancestral de um mundo em que a doença, a miséria e a morte não existiriam. Este desejo é alimentado pelo princípio espiritual do microcosmo. É neste princípio que se encontra oculto o caminho de retorno. Quem busca seriamente a verdade reage ao chamado deste princípio original dentro dele e se esforça por seguir suas sugestões. Esta nostalgia somente desaparecerá se decidirmos seguir o caminho gnóstico.

Ordem da natureza: campo de vida em que todos os processos se desenvolvem de acordo com as leis da natureza da qual eles provêm. Assim acontece com a natureza original, onde não existe nenhum princípio contrário. Todos os processos desta natureza seguem o desenvolvimento eterno ordenado pelo Criador. Na ordem de natureza desviada da natureza original divina, também chamada "natureza da morte", todos os processos são ligados ao movimento circular definido pela expressão "nascer, crescer e morrer". Este movimento circular é mantido por princípios opostos como luz e trevas, bem e mal, amor e ódio etc..

Vida imortal: vida que segue as leis da ordem da natureza original, e portanto levada por um processo de desenvolvimento eterno. O homem que se tornou imortal já não tem que voltar para o ciclo das existências mortais onde tudo o que ainda não responde à lei eterna é sistematicamente apagado pela morte.

Reencarnação: revivificação do microcosmo, que é o campo de manifestação do homem. O homem como personalidade não volta para a terra, mas o microcosmo, depois de um período de repouso, adota um novo corpo a fim de expressar-se. O homem que se desenvolve neste campo traz os traços de todos os seus predecessores no microcosmo. Assim, ele é o produto de todo o "bem" e "mal" que estão manifestos no microcosmo. Além disso, ele traz os sinais distintivos de sua raça, de seu povo e das gerações precedentes, que constituem a base de sua forma biológica.

Contra-natureza: trata-se de todas as forças do passado e do presente que constituem inúmeros obstáculos no caminho da vida gnóstica renovadora.

Doutrina Universal: a totalidade do processo de desenvolvimento passado, presente e futuro da humanidade, que está inscrito no plano divino. A Doutrina Universal não é, portanto, um livro, mas um testemunho da evolução eterna do homem original, do caminho de travessia que o homem decaído percorre e da senda que ele deve seguir para atingir o objetivo final. A Doutrina Universal reúne a sabedoria de todos os tempos. Todos os grandes mensageiros espirituais buscaram este ensinamento na medida do possível: este ensinamento que está gravado em letras de fogo no universo, em sua totalidade.

Buscador/pesquisador: aquele que, depois de todas as suas peregrinações e experiências na natureza mortal, que é a natureza da morte, põe-se a caminho para encontrar a natureza original.



"E o movimento rosa-cruz continua caminhando o mais próximo possível destes grupos, sistemas conceituais e correntes filosóficas, sempre se declarando e se mostrando inspirador, a fim de oferecer a todos o elo que falta, pois somente este elo fará do Renascimento um verdadeiro renascimento, um autêntico nascer de novo."

(O elo que faltava entre o Cristianismo e o Humanismo)